



Felipe Augusto Ferreira Feijão\*

## RESUMO

O objetivo deste texto é expressar a importância da Filosofia da Educação, enquanto ramo da Filosofia, e constituída como disciplina autônoma, na prática do educador. No cotidiano da sala de aula, com os muitos desafios encontrados pelos professores, ter como base uma disciplina teórico-prática que discuta a realidade docente, os problemas próprios da educação em geral e questões mais específicas, é fundamental para que o docente carregue em sua bagagem elementos que tornarão possível o seu trabalho.

**Palavras-chave:** Filosofia da Educação. Práxis. Docente.

## The importance of philosophy of education in teaching práxis

## ABSTRACT

The objective of this text is to express the importance of Philosophy of Education, as a branch of Philosophy and constituted as an autonomous discipline, in the educator's practice. In the daily classroom, with the many challenges faced by teachers, having as a basis a theoretical-practical discipline, which discusses the teaching reality, the problems inherent to education in general and more specific issues, is fundamental for the teacher to carry out your luggage with elements that will make your daily life easier.

**Keywords:** Philosophy of Education. Praxis. Teacher.

# A importância da filosofia da educação na práxis docente

## Introdução

Concebida como um ramo do saber filosófico, a Filosofia da Educação constitui hoje os currículos dos cursos de Pedagogia. No Brasil, ela tem excelentes autores como Dermeval Saviani e Carlos Cipriano Luckesi, pensadores que com vasta bibliografia fundamentaram e justificaram a existência e permanência desse galho participante da grande árvore que é a Filosofia.

História da Filosofia (dos gregos aos contemporâneos), Filosofia da Arte, Filosofia da Ciência, Filosofia da Mente, Filosofia da Linguagem, Ética Filosófica, Antropologia Filosófica e Filosofia Política são ramos que floresceram graças ao surgimento e estabelecimento da Filosofia mãe. A Filosofia da Educação também tem seu lugar dentre as várias filosofias. Cada uma busca pensar questões, problemas e temas de saberes específicos.

A Filosofia Política, por exemplo, preocupa-se com tudo aquilo que está relacionado com a *pólis*, entendendo aqui não só a cidade grega, mas as demais cidades, ou sociedades do mundo inteiro e de épocas distintas. Governo, povo, guerras, bem comum, justiça, revoluções, ascensão e decadência de impérios são acontecimentos que servem de matéria-prima para os pensadores da política, os filósofos da política, que elaboram conceitos, definições, descrevem suas concepções e a partir disso propõem mudanças sociais.

## Filosofia ou Filosofias

Em geral, o filósofo parte sempre da observação da realidade. Para ele, é fundamental, pois, prestar atenção ao factual. Tudo o que ocorre, os fatos, fornecem ao filósofo o material para a elaboração de seu pensamento. Foi por volta do século VI a. C. que se deu o surgimento da Filosofia como uma forma de descrença e de necessidade. Havia a descrença na mitologia, no conjunto de narrativas fantásticas que queriam explicar o mundo (Cf. GHIRALDELLI, 2006). Ao mesmo tempo, com essa descrença, começou a haver a necessidade de uma outra explicação para o mundo, que não mais seria mitológica, mas racional, ou seja, filosófica.

Conforme a tradição, o criador do termo “filo-sofia” foi Pitágoras, o que, embora não sendo historicamente seguro, é, no entanto, verossímil. O termo certamente foi cunhado por um espírito religioso, que pressupunha ser

possível só aos deuses uma “sofia” (“sabedoria”), ou seja, a posse certa e total do verdadeiro, enquanto reservava ao homem apenas uma tendência à sofia, uma contínua aproximação do verdadeiro, um amor ao saber nunca totalmente saciado – de onde, justamente, o nome “filosofia”, ou seja, “amor pela sabedoria” (REALE; ANTISERI, 2007, p. 11).

Se levarmos em conta o aparecimento da novidade que foi a Filosofia, em território grego, precisaremos considerar que o contexto sociopolítico e geográfico foi um fator determinante para o seu nascimento. Certamente, não foi por acaso que a gênese do pensamento filosófico se manifestou na Grécia Antiga. Há o debate acerca da possibilidade de que outros povos, no caso os egípcios<sup>1</sup>, sejam os verdadeiros precursores da Filosofia.

Podemos questionar o eurocentrismo da História da Filosofia. Por que outros povos não poderiam ter sido os pioneiros na atividade de filosofar? Por que não os africanos? E por que não os egípcios? A tradição se acostumou com a narrativa do surgimento, dos primeiros filósofos e passou a não se perguntar se realmente, se verdadeiramente a narrativa histórica que se conta é autêntica.

Dentre os elementos mais importantes que se situam na base da Filosofia, o espanto, a admiração e a dúvida formam a tríade de raízes que sustentam a gigantesca árvore filosófica. Platão e Aristóteles, dois dos mais relevantes pensadores gregos, destacaram essas características básicas em seus escritos. “O maravilhares-te, é mais de um filósofo”<sup>2</sup> (Platão, 2015, p. 212). O filósofo está numa condição de espanto e a filosofia começa pelo espanto. Mas, já que estamos tratando de Filosofia, sempre precisaremos ter cuidado com o sentido que as palavras têm a depender do contexto em que estão empregadas. Espanto aqui parece não se tratar de um susto banal. Dizer então que o filósofo é alguém espantado significa afirmar que ele tem uma propensão diferenciada para o labor filosófico, inclinação essa cultivada em seu espírito.

“De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores”<sup>3</sup> (ARISTÓTELES, 2002, p. 11).

<sup>1</sup> Essa é a defesa de George James (1954).

<sup>2</sup> Teeteto 155d.

<sup>3</sup> Metafísica 982 b 14.

Imaginemos Tales de Mileto, o primeiro filósofo de que se tem notícia, ou pelo menos, o primeiro grego que desenvolveu uma filosofia que chegou até nós. Um belo dia, observando a natureza, o primeiro filósofo da *physis*, um naturalista, um cientista, ou ainda, um biólogo pioneiro, passa a defender a ideia de que a água, a umidade é o elemento natural, principal, que dá vida a tudo o mais. Nesse momento, Tales deve ter primeiro se espantado e depois se admirado diante de sua observação.

Ao prosseguirmos com nosso elenco de três principais elementos, temos outros dois importantes pensadores. Agostinho e Descartes nos ajudam a compreender a dúvida filosófica:

Quem, porém, pode duvidar que a alma vive, recorda, entende, quer, pensa, sabe e julga? Pois, mesmo se duvida, vive; se duvida, lembra-se do motivo de sua dúvida; se duvida, entende que duvida.; se duvida, quer estar certo; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não deve consentir temerariamente. Ainda que duvide de outras coisas não deve duvidar de sua dúvida. Visto que se não existisse, seria impossível duvidar de alguma coisa” (AGOSTINHO, 1994, p. 328).

Para Agostinho, podemos entender que quem duvida, vive. E se vive, duvida. Mesmo que tudo coloque em dúvida, não pode colocar a própria dúvida em questão. Então, o que há é a dúvida, que pode ser utilizada para tudo o mais. Em Descartes, o terceiro componente do trio que forma a base da filosofia é tratado da seguinte maneira:

[...] considerando que todos os pensamentos que temos quando acordados também nos podem ocorrer quando dormimos, sem que nenhum seja então verdadeiro, resolvi fingir que todas as coisas que haviam entrado em meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas logo depois atentei que, enquanto queria pensar assim que tudo era falso, era necessariamente preciso que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade – penso, logo existo – era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cépticos não eram capazes de a abalar, julguei que podia admiti-la sem escrúpulo como o primeiro princípio da filosofia que buscava (DESCARTES, 1996, p. 58-59).

Entendemos, com a segunda dupla de filósofos, que a dúvida é importantíssima para o processo do filosofar. Colocar em dúvida, em questão, questionar, perguntar-se sempre pela validade de algo tomado como estabelecido. Se podemos duvidar, por que não colocar em dúvida tudo quanto for possível? Além do espanto e da admiração, a condição de possibilidade da dúvida é primordial para que haja filosofia.

## Filosofia da Educação

Qual o estatuto da Filosofia da Educação? O que a estabelece? O que a justifica? O que a diferencia das demais filosofias? Procuraremos dar respostas a estas perguntas, que uma vez respondidas, evidenciarão a importância que tem este saber. Inserida no contexto educacional, de cursos de Pedagogia e em Licenciaturas diversas, o que diferencia a Filosofia da Educação da própria Pedagogia e da didática, por exemplo?

Para uma diferenciação adequada, temos que:

A teoria que gera as regras da educação é a pedagogia. Os instrumentos e procedimentos mais técnicos para que a pedagogia se efetive e a educação se realize formam a didática. E a educação, é claro, é a própria realização da atividade prática da formação do indivíduo (GHIRALDELLI, 2006, p. 35).

Enquanto isso, “a filosofia da educação, por sua vez, se preocupa com a educação, levantando observações que os outros setores do campo educacional não acham pertinentes ou nos quais nem mesmo veem inteligibilidade” (GHIRALDELLI, 2006, p. 30). Como boa filosofia que tem o senso crítico apurado, seriam questionados os conteúdos ministrados nas várias disciplinas e áreas do conhecimento. Por que seguir dado conteúdo, dada grade curricular e não outro conteúdo, outra grade, com elementos diferentes?

E o filósofo da educação, quem é?

Ele é especialista em criar um discurso a respeito da boa pedagogia; e esta, não raro, é a negação da pedagogia vigente de algum local ou tempo. O filósofo da educação é tão aborrecedor para os que se recusam a ver problemas na educação quanto o filósofo em geral o é para aqueles que odeiam questionar qualquer coisa. Mas o filósofo da educação não é inimigo do pedagogo. Ele é um bom amigo - ao menos do pedagogo inteligente (GHIRALDELLI, 2006, p. 31).

Por exemplo, uma observação que poderia ser levantada e problematizada pelo filósofo da educação seria acerca da avaliação. Será que o modelo tradicional de prova escrita com questões de múltipla escolha ou questões abertas, mensura realmente um resultado da aprendizagem dos educandos que se submetem a esse clássico processo? O filósofo da educação provocaria o pedagogo: quais são outros

modelos, outras possibilidades avaliativas? Como seria possível avaliar os alunos saindo do modo tradicional de prova?

Obviamente, o filósofo da educação não é alguém que por acaso, numa reunião de pedagogos, ou num conselho de educação, tem a função de tudo questionar, propor a abolição de velhas práticas pedagógicas e querer que tudo seja mudado. Para propor mudanças, a intervenção deve manter correspondência com a aplicabilidade do que se projeta como novidade em detrimento do antigo. Não se trata da simples abolição e ruptura radical. Para que se extinga o velho na prática da sala de aula, é preciso pensar em como será o novo, como será a novidade, e a Filosofia da Educação auxilia os pedagogos e os docentes exatamente nesse sentido.

### **Práxis docente**

De forma geral, podemos afirmar que práxis é a união de teoria e prática. Mas tomemos o pensamento de Karl Marx para compreendermos de maneira mais profunda o conceito de práxis. Nas *Teses ad Feuerbach*, Marx critica o idealismo dos filósofos que até então idealizaram teorias, tentaram explicar o mundo, a realidade através de conceitos, de interpretações. O problema é que a atividade filosófica puramente teórica é insuficiente. Se estudamos um conteúdo, se nos dedicamos a um saber, se nos aprofundamos e nos especializamos em uma área de grande bagagem de conhecimento humano, colocar em prática o saber teórico, aliar a prática à teoria, deveria ser a constante busca.

Nas Teses, especificamente, na oitava e na décima primeira, Marx formula sua crítica social. “Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que conduzem a teoria ao misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática” (MARX, 2007, p. 534). A vida humana em sociedade é por natureza prática. A convivência dos homens uns com os outros, os conflitos, as discussões, as descobertas, as trocas de experiências, a escola, a docência, são essencialmente práticas. É preciso que desempenhemos uma atividade, um ofício prático para que haja o desenvolvimento daquilo que queremos, do que estamos buscando, para que alcancemos resultados, mudanças de quadros, de índices, de cenários. Diz Marx: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 535). O filósofo alemão

encontra-se num contexto de grandes idealistas, e por isso mesmo critica os seus pares de labor filosófico ao sustentar a necessidade de transformação do mundo através de uma revolução.

Munidos da interpretação do mundo, de conceitos, de argumentos, de narrativas, de concepções e de cosmovisões, isto é, portanto, as armas da filosofia, da teoria, é que se poderia caminhar na direção da transformação (prática) da realidade. Temos aqui o relacionamento entre teoria (filosofia) e prática (transformação), numa palavra, a práxis.

A práxis do professor deve funcionar mantendo viva a relação entre o que foi aprendido de teoria ao longo do curso de Pedagogia, ou de área específica, geralmente com disciplinas de capacitação para o ensino, didática e estágios, e entre como se efetiva sua atividade docente na sala de aula. Sabemos que a sala de aula é um rico laboratório, com diversidades, muitos desafios, emoções, evoluções, problemas. A Filosofia da Educação é a disciplina por excelência que visa habilitar o futuro professor a saber lidar com os problemas e com os desafios que surgirão no dia a dia de sua práxis, uma vez que é o campo próprio para o levantamento de impasses do ofício educativo.

A práxis docente que tem por base uma boa Filosofia da Educação encara problemas contemporâneos. Para compreendê-lo, destacamos que foi publicado o resultado do exame PISA 2022, edição na qual foi medida a criatividade dos estudantes (OECD, 2022). O Brasil ficou em 44º lugar de um total de 57 países participantes. Em resumo, a avaliação queria saber o nível de capacidade dos alunos para criar histórias, por exemplo. Nossa colocação não foi boa. Quais os primeiros colocados? Singapura, Coreia do Sul e Canadá. É claro que não se deve desconsiderar o contexto social e real no qual os alunos estão inseridos. Eles vão para a escola, que pode ter boa e nova estrutura, contam com professores capacitados, mas em casa não têm um convívio familiar e social que favoreça o estudo, a aprendizagem, a realização das atividades escolares.

Países como Coreia do Sul, Canadá, Finlândia e Dinamarca ficaram entre os dez melhores. Esses são reconhecidamente países desenvolvidos. Países como Panamá, El Salvador, mais próximos da nossa realidade de América do Sul, tiveram pontuação semelhante a do Brasil. Isso pode significar muito, se as condições materiais, se a desigualdade social, se o contexto sociopolítico for levado em conta. A

educação não está desligada da sociedade, pelo contrário. Portanto, o modo como a política do momento elabora a gestão da educação terá impacto sobre índices, sobre o estado de coisas da educação.

O filósofo da educação, em diálogo com o bom pedagogo, debateria acerca de como tornar os alunos mais criativos. Primeiro, é possível mensurar a criatividade? De alguma forma, para efeito no referido exame, houve a medição da criatividade dos alunos. A reflexão diante do dado deveria se perguntar: de que modo, nas aulas, com quais atividades, a práxis docente atuaria no sentido de elevar a posição do Brasil no *ranking*? O filósofo da educação pensaria juntamente com o pedagogo a elaboração de atividades com a finalidade de despertar e desenvolver o lado criativo dos estudantes.

Primeiro, poderia ser feita uma análise do resultado do exame. Segundo, ideias em conjunto (filosofia da educação e pedagogia) construiriam um projeto que funcionaria em um momento extra, ou mesmo inserido dentro da ministração de alguma disciplina. O professor responsável poderia avaliar continuamente a evolução da turma e daí em diante encontrar caminhos que favorecessem o seu trabalho na direção, nesse caso, de mudança de índice, de nossa colocação no quadro mundial.

Outro grave problema que o país enfrenta no campo da educação é o analfabetismo. 11,4 milhões de brasileiros são analfabetos de acordo com o censo do IBGE de 2022. Os números são maiores quando se trata do Nordeste (região historicamente mais pobre), de idosos e de pretos e pardos. O número é gritante. É como se toda a população, por exemplo, do Ceará, acrescida de um pouco mais de 2 milhões de pessoas, não soubesse ler nem escrever (AGÊNCIA IBGE, 2022).

Percebemos uma grande contradição do mundo contemporâneo: por um lado, milhões de analfabetos, de vulneráveis; por outro lado, tecnologias, inteligência artificial, robôs. Como os que estão excluídos, à margem da leitura, da escrita, dos cálculos, do conhecimento produzido pela humanidade, irão se situar num mundo, numa realidade que cada vez mais requer especialistas? Quais medidas podem ser adotadas para minorar o chocante número?



## Considerações Finais

Vimos o que é a Filosofia em geral, vertentes da Filosofia e o que é a Filosofia da Educação especificamente, bem como seu estatuto, sua justificativa, sua validade, sua necessidade. Cabe ao futuro professor, ao longo de sua formação, criar uma bagagem de conteúdos, de estudos, de autores e de obras que muito serão úteis em sua atuação docente.

Com isso, a Filosofia da Educação se insere nos currículos dos cursos a fim de ser um diferencial, ofertando aos estudantes certa carga de habilidades e conhecimentos imprescindíveis para a atuação profissional. Com ela, com a Pedagogia e com a didática, cada uma com sua função específica, o docente pode configurar seu ofício numa práxis distinta, que alinha teoria e prática no impacto de vidas discentes.

Sabemos que existem professores tradicionais, professores técnicos, professores progressistas. Porém, a concepção de que os educadores têm um pouco de cada uma dessas tendências parece corresponder mais com a realidade vivida na sala de aula. A positividade do que sobressai de cada momento da história da educação conjugada com o tratamento apropriado que o professor, enquanto sujeito de sua ação, estabelece, retraçam as dificuldades que sempre aparecerão em sua tarefa. É a confluência desses fatores que tornarão diferente a sua docência.

A importância da Filosofia da Educação na práxis docente, em suma, é prover os educadores de habilidades que tornarão o fardo de suas práticas educativas mais leve. Se o professor problematiza as realidades que encontra na sala de aula, se questiona a estrutura da educação (pública ou privada), se está aberto para as novidades que a aventura do cotidiano não cessa de mostrar, então esse professor age com base na Filosofia da Educação.

Pedagogo e filósofo da educação só entram em conflito negativo, quando este é arauto de um aparente trabalho impossível para aquele. Mas os dois firmam parceria quando o pedagogo passa a reconhecer a existência de problemas em sua prática educativa, problemas que necessitam que ele próprio se debruce sobre, pense, reflita e com a contribuição singular da Filosofia da Educação, crie estratégias capazes de enfrentar os desafios. Filósofo da educação e pedagogo são parceiros quando este está apto para colher as sugestões daquele que certamente se centram em problemas

da educação e pode colocá-las em sua atividade, em seu ofício, em suma, em sua práxis docente.

## Referências

AGÊNCIA IBGE. **Censo de 2022**: taxa de analfabetismo cai. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Ou%20seja%2C%20a%20taxa%20de,%25%20e%209%2C6%25>. Acesso em: 19.ago.2024

AGOSTINHO. **A trindade**. Tradução de Agostino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Vol. II. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GHIRALDELLI, Paulo. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ática, 2006.

GIOVANNI, Reale; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

JAMES, George. **Stolen legacy**: how the wisdom of Ancient Egypt was transformed into Greek Philosophy. Delhi Open Books, 1954.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

OECD. **Resultados do PISA 2022**. 2022. Disponível em: [https://www.oecd.org/en/publications/pisa-results-2022-volume-iii-factsheets\\_041a90f1-en/brazil\\_7f2e4e5c-en.html](https://www.oecd.org/en/publications/pisa-results-2022-volume-iii-factsheets_041a90f1-en/brazil_7f2e4e5c-en.html) Acesso em: 26.jun.2024.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

Recebido em: 21/08/2024  
Aprovado em: 16/10/2024